

**O QUE MOSTRAM AS DEMONSTRAÇÕES? BALANÇOS E RESULTADOS DOS BANCOS CENTRAIS****Antonio Carlos Macedo e Silva**

Bolsista do Programa de Pesquisa para o Desenvolvimento Nacional (PNPD) da Diretoria de Estudos e Políticas Macroeconômicas (Dimac) do Ipea; e professor do Instituto de Economia da Universidade Estadual de Campinas (IE/Unicamp).

O objeto deste texto é analisar a autoridade monetária, que, na maioria dos países, por razões históricas e em certa medida circunstanciais, está concentrada numa instituição que leva o nome (um pouco enganoso) de Banco Central. O objetivo final da pesquisa é o Banco Central do Brasil (BCB), que será tratado em um texto posterior.

Não faltam estudos sobre o papel contemporâneo dos bancos centrais, às vezes vistos como o lócus por excelência da definição e da administração da política macroeconômica. O aspecto inovador está no árduo caminho aqui proposto: o estudo das demonstrações financeiras dos bancos centrais. Até onde sabemos, esta intrincada peça contábil não tem recebido atenção da comunidade acadêmica. Entretanto, os balanços dos bancos centrais são uma fonte muito rica de informações acerca das imbricações entre agentes públicos e privados. Os balanços refletem decisões privadas de residentes e não residentes, assim como expressam opções de política pública por parte não só do Banco Central como também do Tesouro Nacional. Ambos os conjuntos de decisões podem implicar grandes e rápidas mudanças, tanto na composição quanto no próprio volume de ativos e passivos do Banco Central, com as devidas contrapartidas nos portfólios dos bancos e de outros agentes, financeiros e não financeiros.

A primeira parte do texto aborda algumas especificidades da autoridade monetária, considerada como um banco que curiosamente parece capaz de sobreviver a prejuízos vultosos e operar, por longos períodos, com patrimônio líquido negativo.

A segunda parte apresenta o balanço patrimonial do Banco Central e explora o modo como este balanço reflete os chamados choques autônomos, bem como a atuação do Banco Central como fonte da liquidez requerida pelo sistema bancário ou como destino da liquidez que este não deseja reter. De fato, há dois modos básicos de atuação dos bancos centrais: nos

países desenvolvidos, eles tendem a ser credores líquidos das instituições financeiras, às quais subministram liquidez, de forma a fazer valer a *policy rate* e evitar que esta materialize uma tendência *altista*; nos países em desenvolvimento, é o sistema financeiro que tende a usufruir de uma posição estrutural de liquidez. Neste caso, cabe ao Banco Central realizar sistematicamente o trabalho de absorver liquidez, compensando a tendência à queda das taxas praticadas no interbancário.

A terceira parte do texto trata das conexões entre os estoques, registrados no balanço patrimonial, e os fluxos do Banco Central, contabilizados no resultado. Mostra-se que, para a determinação do resultado, conexões de natureza institucional, materializadas em regras contábeis, podem ser tão importantes quanto conexões de natureza econômica. Segue-se uma breve conclusão.